

# E O PRINCIPIO DA AUTORIDADE

PEREIRA GOMES

vimento renovador, podendo-se constatar, flagrantemente, no aparecimento das Geometrias de Riemann e de Lobatchewski, não euclidianas.

Pode-se dizer, portanto, que a Autoridade, «êsse descarado heroísmo de afirmar» não é recomendação que baste para que uma concepção seja cientificamente aceite ou mesmo para a sua segurança no altar da Veracidade: Um facto novo discordando, e logo a dúvida fecunda surge e dá lugar a que os buracos se tapem ou se construa um novo edifício. Comparando este carácter transitório de certas concepções científicas com a fixidez dos conceitos religiosos, há quem depreenda uma inferioridade dos métodos da Ciência: —que nada afirma em definitivo, —como processo especulativo.

Puro erro: Essa transitóriedade só atesta a lealdade, a superior sinceridade da Ciência e a sua intenção inabalável de acertar. Longe de traduzir a impos-tura das afirmações científicas, representa, ao contrário, o desinteresse pela aparência e uma útil e fecunda irreverência pelo tradicional, procedente duma ânsia constante de aperfeiçoamento.

E é ainda esta liberdade de critério, este sistema, por assim dizer, de **porta aberta**, que fornece à Ciência a sua vitalidade, a sua grande possibilidade construtiva—impedindo-a de ser reduzida a um sistema fechado, rígido e, portanto, caduco.

Tudo isto está bem patente no espírito da célebre frase: «para a Ciência não há impossíveis»; quer dizer, a Ciência não considera nada impossível: apenas quando muito, **infinitamente improvável**. Praticamente será o mesmo, mas a forma, a maneira de dizer, tinha de estar de acôrdo com o espírito de liberdade, de **abertura**, que preside à actividade científica. (1)

//

Não foi, porém, sem lutar e sem sérios sacrificios que se obteve este estado de coisas: Galileu—recondêmo-lo—o primeiro que, eficientemente, abanhou o trono da Autoridade a que

(1)—Assim, não fará sentido que haja quem, em nome da Ciência, se recuse a acreditar em factos.

(Continúa na página 7)

# Passeia semi-real

(Continuação)

mesa de trabalho e representa qualquer libertinagem mitológica.

—Será esta a encantadora castelã?—inquirio eu do Doido.

—Fáceis de contentar são os teus apetites!—voive-me êle, entre irónico e despresivo.

—E' então esta a idea que fazes duma Deusa?

Passamos. Deriva, na base de encovado barrocal, um argentino ribeiro, com ressaltos de cantantes cachoeiras. Os que me acompanham disputam sobre qualquer negócio e o **chauffeur** entretém-se a aterronizar as manadas de comúpetos, que manzamente veem para nos, na fita-de-nastro da estrada. Um vitelo, no auge de espanto e medo, salta uma sepe e rompe através de fresco minaral. A mãe, furibunda, baixa as garras, assopra contra a areia do chão e garante que anemelia, se não fosse o ter amor a vida. Entrementes, o vaqueiro, vara em poste, aos berros de torturado, corre aqui e além, na mira de outra vez conglomerar o cuspeso rebanho.

Passamos. Deixo a paisagem e vouto-me para dentro de mim-mesmo. Converso com o Doido. Deitamo-nos, dum bote, a voragem da Metanísica. Explica-me êle como foi que Deus se criou a si-mesmo, para depois criar o Universo. Reatruco-lhe eu que me parece mais fácil de entender ter o homem criado Deus, para que depois êste criasse aquele... O Doido, que é a encarnação da anti-logic, concorda. Ao fundar uma curva, põem, a graça duma povoação logo me desvia do Reino da Nebulose.

Um dos meus parceiros objectivos pronuncia o nome da terrinha. São três lindas sabbas—que mais linda me fazem parecer o povoado. Ergue-se ao centro um castelo roqueiro, meio ruínas, meio prosapia. Contrasta, no seu tom verde-castanho-negro, com o branco novo do casario caído.

Entramos na terreola. Escapam, dum lado e doutro, patos e perús, galinhas e cevados. Grunidos e cacarejos. A garotada, maltrapilha e de nariz ranhoso, gnta, gestucula, corre atrás de nós. Um mais farçola posta-se diante do carro, a vinte metros—e abre os braços, como quem nos intima a parar. Só à distância de alguns passos se arreda da frente entre o regosijo dos outros e os impropérios da senhora mãe, que se abeira, não levantada, a castigar o despautério.

Ao passarmos por um dos últimos casais, o Doido aponta-me um postigo. Olho. Uma rapariga, de alvos braços nus, decote nada aldeão, debruça-se e sorri—julgo que para mim. Mentalmente, beijo-lhe a garganta. Conclui que ela sentiu o meu propósito—porque humedeceu com a lingua de coral os lábios tenros...

Passamos...

... ..

Regressamos pela noite. Tmilavam as cigarras—de vez em quando um mocho plava dos arcânos dum souto. No céu, sem lua, o fosforejar musical das constelações. A' minha costela esquerda, um dos passeantes ressona. Lebres atravessam a estrada, bêbadas com a luz dos faróis. Parece-me que o Doido também adormeceu—porque já não o ouço prometer-me os gôsos supra-terrenos, com que a toda a hora se propõe brindar-me. Amortalha-me o coração uma melancolia verdoenga, que, manso e manso, vai destilando lágrimas amargas. Pesa-me a dôr do insucesso. Se o Doido estivesse presente—estrangulava-o. Para quê, confiar em miragens? Mais forte que o prazer de as saborear—é a desillusão de as sentir depois vãsias.

Nêste ponto, o Doido, inesperadamente desperto, intervém, gritando:

—Maldizes das miragens?! Que seria de ti—de todos os homens—se não fôssem as miragens! se não fôssem as mais illusórias das vossas illusões!